

**A Construção de Uma Identidade e Uma Cultura de Classe Entre os Trabalhadores  
Metalúrgicos de Porto Alegre: algumas experiências sindicais no ano de 1960**

Marcos André Jakoby<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, pretende-se analisar algumas experiências sindicais promovidas pelos trabalhadores metalúrgicos de Porto Alegre, no ano de 1960, que contribuíram para a formação de uma cultura e uma identidade operária. Desta maneira, examina-se iniciativas como a formação do Teatro e o Coral Metalúrgico que almejavam garantir aos trabalhadores a produção e o acesso a bens culturais que eram, muitas vezes, disponíveis somente a outras classes sociais. Outra iniciativa analisada, trata-se da passagem do Primeiro de Maio de 1960 que foi programada sem o “calor oficial” do Estado e definida pelos trabalhadores como um “dia de luta contra o paternalismo governamental e patronal”. Deste modo, estas experiências representavam um momento de avanços políticos, econômicos e culturais conquistados pelos trabalhadores.

**Palavras-chave:** sindicalismo- metalúrgicos- Porto Alegre

**Abstract:** the purpose of this assignment is to analyze some trade union experiences made by metallurgists from Porto Alegre in 1960, which contributed towards the formation of an operative culture and identity. Thus, some initiatives are examined, such as the Theater and the Metallurgical Choir formation that aimed at guaranteeing to workers the production and the access to cultural property which were, many times, available to other social classes only. Another initiative analyzed concerns the passage of the first of May in 1960, which was set without the “official heat” from the State and defined by workers as a “day of fight against the governmental and patronizing paternalism. It’s highlighted that these experiences represented a moment of political, economic and cultural advances achieved by workers.

**Keywords:** trade- unionism / metallurgists / Porto Alegre

Em um contexto histórico onde o patronato e o Estado se defrontavam com trabalhadores que avançavam na organização e no processo de consciência, através de ações coletivas que buscavam a efetividade e a ampliação dos seus direitos, o ano de 1960 foi especial, ou melhor, foi considerado um “ano de ouro” por lideranças sindicais dos trabalhadores metalúrgicos de Porto Alegre. A avaliação entusiasmada dos trabalhadores partia de experiências que apontavam os esforços na construção de um sindicalismo com maior autonomia e unidade.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História na Universidade Federal Fluminense. Bolsista do CNPQ

Com este trabalho, pretende-se abordar algumas dessas experiências com o intuito de evidenciar iniciativas do sindicalismo metalúrgico que contribuíram para a formação de uma identidade e uma cultura própria, a despeito de recorrentes análises que identificam, no período em questão, uma classe trabalhadora e um sindicalismo subordinado e passivo frente ao Estado e ao patronato.

Cabe aqui registrar, que será tratado apenas alguns aspectos da formação da identidade e da cultura operária, sobretudo aquelas oriundas de iniciativa sindical, embora se procure não perder de vista que a construção destas dimensões também está associada, e permeada, por outros aspectos da vida operária, como a experiência fabril, questões de gênero e étnicas, militância partidária, festividades, etc.

#### Trabalhadores em busca da reconquista de símbolos: o Primeiro de Maio

O movimento sindical gaúcho, no final da década de 1950 e início da década de 1960, encontrava-se em um processo de avanços em sua organização e integração, almejando construir a unidade da classe trabalhadora com o intuito de conquistar melhores condições de trabalho e de vida. Deste modo, representantes sindicais de todo o estado vinham reunindo-se, naqueles anos, através de encontros regionais, denominados de Congresso dos Trabalhadores Gaúchos. Em cada encontro elegia-se a Comissão Executiva, a qual era responsável pela coordenação da implementação das deliberações que fora definida em cada encontro.

No dia 10 de abril de 1960, a Comissão Executiva de IV Congresso dos Trabalhadores Gaúchos reunira-se, na capital, para discutir questões que agitavam o cenário político e social. À época, a Executiva era presidida por José César Mesquita, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Matéria Elétrica de Porto Alegre, vereador pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e uma das principais lideranças do sindicalismo gaúcho. Entre as resoluções definidas, naquele encontro, estava a definição do próximo Congresso dos Trabalhadores Gaúchos, paralisações contra o alto custo de vida, uma “Mesa Redonda” com o governador, e a passagem do Primeiro de Maio. Sobre este último ponto, o encontro definira “Realizar as comemorações de 1º de Maio, sem a interferência de forças estranhas aos sindicatos, completa independência sindical, por ocasião da sua comemoração” (FM, nº 8: 04).

O Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos saudava esta decisão, indicando que a decisão fazia parte dos avanços que o movimento sindical vinha conquistando, bem como,

apontava evidências de que o caráter da data, nos anos anteriores, era diferente, pois “pela primeira vez, em dois decênios, as Entidades de classe, procuram comemorar o 1º de Maio sem o calor oficial, prenúncio da grande evolução do movimento e do espírito de independência e coragem que anima os atuais dirigentes sindicais” (FM, nº8,:01). A passagem do Primeiro de Maio sem o “calor oficial” representava realizar as atividades, relativa a esta, desvinculado do “paternalismo, tanto governamental como patronal”.

Talvez houvesse um exagero em afirmar que nos vinte anos anteriores as ações concernentes ao Primeiro de Maio fossem tuteladas pelo paternalismo estatal e patronal, portanto, é necessário tomar cautela nessa generalização. Todavia, nos últimos anos de 1950 é possível afirmar que houve um “assalto aos símbolos” por parte do Estado e da Igreja. O historiador João Marcelo Pereira dos Santos analisa o Primeiro de Maio de 1958 em Porto Alegre e aponta os movimentos realizados pelos governos e pela Igreja para esvaziar a data do conteúdo de classe.

Uma primeira operação se deu na troca da designação da data que se passou a chamar de “Festa do trabalho” com o objetivo de “(...) resignificá-lo com símbolos que representassem a possibilidade de união entre poder político e religioso, a convivência pacífica entre as classes e a promoção da identidade e das tradições regionais” (SANTOS, 2002:58). Segundo Santos, a programação fora organizada “cuidadosamente” pela Delegacia Regional do Trabalho iniciando com a chegada na Praça da Matriz, onde uma multidão de trabalhadores, católicos, políticos e religiosos aguardava, a chegada da imagem de São José que era conduzida por jovens vinculados aos Círculos Operários. Logo após a chegada da imagem foi realizada uma Missa de Ação de Graças à Festa do Trabalho onde o arcebispo da capital profere um sermão condenado o comunismo e a necessidade de combatê-lo e, por fim, prega por um capitalismo cristianizado.

Após a missa campal, a Festa do Trabalho seguiu em desfile até um auditório público que fica localizado em um parque da cidade. Nesta marcha, à frente estava a:

*Juventude Operária Católica, que estreava sua participação em eventos desta natureza, conduzia as imagens de São José e de Getúlio Vargas. Atrás formaram-se alas compostas por alunos e associados do SESI, SENAI e SESC, entidades esportivas, sindicatos de trabalhadores, Círculos Operários, associações de bairros, etc. No fim do desfile, uma novidade, a exibição, patrocinada pela Varig, de dois modelos de avião (SANTOS, 2002: 57).*

No auditório vários oradores, entre eles, o vice-presidente, João Goulart que fez um discurso “marcadamente nacionalista”. A programação da Festa do Trabalho

prosseguiu com um show folclórico no estádio dos Eucaliptos e uma partida de futebol entre duas equipes gaúchas. Ao encerrar-se a partida, a programação foi concluída com o hasteamento da bandeira nacional.

Portanto, quando o editorial da Folha Metalúrgica recebe o título de “1º de Maio: Dia de Luta contra o Paternalismo Governamental e Patronal” demonstra a disposição dos trabalhadores em recuperar o terreno simbólico vinculado ao Primeiro de Maio. Isto significava atribuí-lhe novamente a idéia de uma data que representa as lutas, os conflitos e as reivindicações dos trabalhadores e, igualmente, uma homenagem a memória de todos aqueles que contribuíram para a afirmação da classe. Portanto, para os sindicalistas metalúrgicos:

*“(...) não se justifica mais, que nossa festa, que tanto sangue custou a classe operária, seja programada por governos ou patrões, ela é nossa, a nós pertencem reverenciar nossos heróis e mártires, e não os que ontem e hoje, ainda são os maiores responsáveis pelas desgraças que afligem a classe operária” (FM, n.08: 01)*

Um dos aspectos que expressa a retomada de um caráter mais classista ao Primeiro de Maio porto-alegrense, reside no fato de que a programação fora organizada pelos trabalhadores, através dos sindicatos, sem a interferência das instituições estatais, patronais ou religiosas. Isto é, os trabalhadores organizados definiram, de maneira autônoma, qual seria o conteúdo da programação daquela data.

*Em Porto Alegre este 1.º de Maio, foi festejado, mas em comemorações programadas pelos sindicatos, as autoridades foram convidadas, mas quem organizou e programou foram as várias Entidades de trabalhadores, tendo a frente a Comissão Executiva do 4º Congresso dos Trabalhadores Gaúchos (FM,, n.º09:06)*

Desta maneira, as “festividades” realizaram-se na sede social do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos; e aconteceram em “homenagem aos mártires da classe operária e de protesto ao Alto Custo de Vida, de protesto contra o Senado Federal, pela mutilação que sofreu a Reforma da Previdência” (FM, nº 8: 01). O espaço da realização é outro: é o sindicato. Imprime-se, igualmente, um caráter reivindicatório com questões estreitamente vinculadas ao mundo do trabalho. A homenagem também é outra, como indica uma faixa à frente do salão durante o ato: “Salve os Mártires da Classe Operária”.

A programação realizada pela Igreja e pela Delegacia Regional do Trabalho continuava a existir. No entanto, os trabalhadores reconquistavam espaço e símbolos relacionados ao cenário do Primeiro de Maio contribuindo, assim, na afirmação e na

identidade da classe operária. Este fato estava associado a um processo maior, com o qual, interagia de maneira dialética: relacionava-se com os avanços que os trabalhadores vinham conquistando em termos de organização, na construção da unidade da classe e nas diversas mobilizações que vinham sendo realizadas contra o patronato e frente ao Estado.

*Sem dúvida, nunca estiveram os trabalhadores rio-grandenses, tão bem preparados, para discutirem seus problemas, de há muito, vêm os mesmos através de movimentos municipais, paralisando atividades, realizando grandes assembleias, levando a efeito grandes passeatas de protesto e debatendo suas mais sentidas reivindicações (FM, n.º08: 01).*

### As experiências do Coral e Teatro metalúrgicos

No mesmo número do jornal Folha Metalúrgica que anunciava um Primeiro de Maio como um “Dia de Luta Contra o Paternalismo Governamental e Patronal” a direção do sindicato informava que a entidade pretendia criar um “grupo teatral de metalúrgicos para metalúrgicos” e também “um coral composto por metalúrgicos”. Em seguida convida os interessados a comparecerem a sede da entidade em determinada data.

À frente do grupo teatral estava Edison Nequete “um moço idealista, quando aceitou a tarefa de criar um Teatro Metalúrgico, sabia que não teria artistas experientes” (FM, n.º11:05). A estréia do grupo aconteceria com a encenação da peça “Eles Não Usam Black Tie” de Gianfrancesco Guarnieri, que retrata a vida de um grupo de operários cariocas que na luta por melhores condições de vida, se vêem obrigados a irem à greve por aumento de salários.

Após três meses de ensaio o grupo se encontrava preparado para a estréia. O Folha Metalúrgica elogiava o empenho dos trabalhadores diante das dificuldades encontradas: “Pois bem, os nossos artistas, são companheiros nossos de fábrica, ou esposas e filhos de companheiros nossos, que [...] após a dura jornada de trabalho, com frio ou com chuva, disciplinadamente se encontram no sindicato para ensaios” (FM, n.º11:05).

A data escolhida para a estréia, 12 de outubro de 1960, na sede do Sindicato, parece ser muito significativa, na medida em que marcaria a abertura da programação organizada em virtude do 30º Aniversário do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos. A peça seria rerepresentada outras vezes em varias casas de cultura da cidade e teria grande repercussão no cenário cultural da cidade. Segundo o Diário de Notícias “Este espetáculo constitui um dos maiores êxitos artísticos da cena metropolitana, tendo obtido críticas elogiosíssimos, quando de sua exibição na sede social dos metalúrgicos” (DN, 29/11/60: 05).

No dia 03 de dezembro, com várias apresentações ainda por acontecerem, mais de cinco mil pessoas, sobretudo jovens e trabalhadores, já haviam assistido a peça. A “coroação” do excelente trabalho dos metalúrgicos, à frente da peça teatral, se daria com a entrega de uma premiação, no início do mês de janeiro de 1961, pelo primeiro lugar obtido no II Festival do FRAT (Federação Rio-Grandense de Amadores Teatrais).

Outra iniciativa cultural dos trabalhadores foi o Coral Metalúrgico. A formação e regência do grupo foram coordenadas pela poetisa, e militante comunista, Lila Ripoll. O coral estreou em 12 de novembro de 1960, exatamente um mês após a estréia do Teatro. Ensaïaram mais ou menos por cinco meses, as terças e quintas-feiras, depois de uma jornada de 8, 10 horas trabalho.

O coral era composto por vinte vozes. Todos os que fizeram o teste acabaram fazendo parte do grupo, e não poderia ser diferente segundo a regente, pois “eles têm uma grande boa vontade. Saem das fábricas cansados, sem janta, com problemas em casa, mas vem ensaiar. Como mandar alguém embora?” (CP,06/11/0960: 26) Nenhum dos trabalhadores havia cantado alguma vez e afirmavam que “não estamos aqui por obrigação, mas porque gostamos de cantar” e lamentavam a falta de mais gente para o coral “nós temos lutado para conseguir alguns, mas é difícil” (CP,06/11/0960: 26) . Muitos moravam muito longe, tomavam duas até três conduções, ensaiavam até quase a meia-noite e precisavam levantar de madrugada no dia seguinte. Portanto, o esforço exigido não era pouco.

O programa de apresentação do coral continha, segundo a regente, algumas canções de folclore português, outras cantigas, Acalanto de Schubert, outras cantigas e, por fim, o Hino do Trabalhador, ritmado e forte. A estréia do Coral foi muito bem recebida pelo conjunto dos trabalhadores e pela “crônica especializada”, tanto que o grupo “tem se envolvido por convites, cada vez em maior número para levar sua arte a vários centros de cultura e populares, sendo sempre aplaudido com entusiasmo e merecendo os mais rasgados elogios” (FM,n.º14:s/n).

Iniciativas como a do Coral e do Teatro eram apenas parte de uma rede de atividades “assistenciais” desenvolvidas pelo sindicato. Existiam outras ações de natureza esportiva, jurídica, médico, odontológica, educacional, de lazer, etc. Um dos objetivos dessa rede de atividades era estimular o trabalhador a entrar em contato, freqüentar e participar do sindicato criando dessa maneira vínculos com a entidade, de modo que esses trabalhadores viessem envolver-se em ações que ampliassem a organização da classe. Evidentemente, que tão somente o acesso a essas atividades não asseguraria a participação dos trabalhadores na luta reivindicatória. Mas, o fato de um contingente enorme de trabalhadores freqüentarem as

atividades culturais, de lazer e “sociais” contribuía para o sentimento de pertencimento a uma classe e para a construção de uma identidade da mesma, além de estimular a noção de capacidade de organização, de realizações e de conquistas dos trabalhadores.

Algumas das iniciativas tinham esse propósito de forma mais explícita. É o caso da organização do Teatro dos Trabalhadores Metalúrgicos e do Coral Metalúrgico. Assim, para o sindicalismo metalúrgico “a vitória do nosso Teatro é de todos nós, representa a capacidade realizadora de nossa Entidade”. Outro aspecto visado por essas iniciativas – do Coral e a do Teatro – era garantir aos trabalhadores o acesso a bens culturais que muitas vezes eram somente disponíveis a outras classes sociais.

*A nossa iniciativa de criação do Teatro e do Coral dos metalúrgicos, devem ser encarados pelos trabalhadores em sua justa razão, quem é que pode assistir bons espetáculos artísticos em nossa terra? Só os poderosos, só os ricos, porque uma entrada para o Teatro ou outro espetáculo qualquer, custa quase um dia de trabalho, quem pode pagar isso, nós? Não, não podemos [...] (FM, n.º12: s/n)*

Outro aspecto importante era o fato de garantir aos trabalhadores a produção destes bens culturais na medida em que:

*[...] nós fazemos teatro e escolhemos aquilo que mais interessa aos trabalhadores, como é o caso de Eles Não Usam Black Tie, peça de cunho social e humano, peça que diz respeito a vida dos trabalhadores brasileiros, que vivem, sofrem, amam e lutam [...] (FM, n.º12: s/n)*

A peça contribuía, efetivamente, para a construção da identidade operária ao passo que tratava de questões comuns aos trabalhadores como a exploração na qual estão submetidos, as precárias condições de vida, as formas de organização e resistência. Portanto, significativa para a reflexão da realidade da classe trabalhadora. Ademais, estas atividades possibilitavam um contato maior com o cotidiano do trabalhador e aproximava suas famílias da possibilidade do universo da organização sindical, criando espaços de sociabilidade, muitas vezes, articulado com as lutas específicas.

Desse modo, estas experiências representavam os avanços políticos, econômicos e culturais conquistados pelos trabalhadores, bem como, evidencia que estas iniciativas eram elementos de uma estratégia que objetivava envolver mais trabalhadores no terreno organização sindical e em suas lutas por melhores condições de vida e trabalho.

### **Referências Bibliográficas**

SANTOS, João Marcelo Pereira dos. *Os herdeiros de sísifo: a ação coletiva dos trabalhadores porto-alegrenses nos anos de 1958 a 1963*. Campinas: Dissertação de Mestrado, Unicamp/IFCH, 2002.

### **Documentação Sindical**

FM - Folha Metalúrgica: jornal mantido pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico de Porto Alegre. Edições n.º 08 ( abril 1960), n.º09 (maio de 1960),n.º11 (setembro de 1960), n.º 12 (novembro de 1960), n.º 14 (fevereiro de 1961)

### **Jornais**

CP- Correio do Povo - abril de 1960 à janeiro de 1961

DN – Diário de Notícias – maio a dezembro de 1960